

**“O TEMPO NÃO PERMITE MAIS E FICO COMO QUER”:  
A MULTIFUNCIONALIDADE DO JUNTOR “E” NO GÊNERO  
EPISTOLAR COMERCIAL DO SÉCULO XVIII**

*Juliana Pereira Guimarães (UFRJ)*

[julianaguimaraess@outlook.com](mailto:julianaguimaraess@outlook.com)

*Luiz Palladino Neto (UFRJ)*

O trabalho em questão focaliza-se em um tipo de fonte documental não literária, tendo em vista a capitalização de conhecimento sobre o português de setecentos: a carta de mercadores, situada em termos da taxonomia tipológica, na esfera da administração privada. O *corpus* selecionado, transcrito com rigor filológico, no perfil diplomático-interpretativo, de acordo com os parâmetros de um projeto mais amplo, o PHPB, é uma contribuição para iluminar, pois, uma fase linguística de transição. Segundo Bechara (1995, p. 39), o século XVIII tem “contornos importantes para o historiador do idioma”, pois começa a assinalar um maior afastamento entre as duas modalidades diatópicas, a europeia e a brasileira. Esta investigação tenciona apresentar um mapeamento do esquema de combinação paratática com o juntor polifuncional “e” dessa fase da língua. Com efeito, um gênero tão vasto como a carta, por certo, manifesta heterogeneidade interna considerável em seus padrões composicionais de juntura. Um esquema, pois, com a junção, pode agregar-se como um aspecto objetivo para o estabelecimento de uma tipologia textual mais rigorosa, bem como fornecer evidências substantivas sobre essa “demasiado inexplorada” dicção de Castro (1996, p. 140), variedade linguística. A abordagem apresentará alguns resultados preliminares, quantitativos e qualitativos, após a revisão do tema, na literatura. Nota-se em princípio, o apelo mais proeminente à sequencialidade aditiva, para assegurar a progressão textual. Como a presença do juntor é a mera face da construção, verificam-se relações semânticas que exigem mais cálculo de sentido do interlocutor, por “inferências contextuais e cotextuais” Koch (1993, p. 406), como codificações por implicitude de contraste, conclusão, causa-consequência. Por fim, ressalte-se que as evidências demonstram que limites estritos da arquitetura sintática – parataxe e hipotaxe – não se justificam também na fase linguística em questão.

Palavras-chave: Epistolografia. História. Crítica Textual. Língua portuguesa.